

“Recebi o bastão de muitas mulheres corajosas”.

A enfermeira Machús Otero, de Valladolid, compartilha as experiências e os desafios enfrentados na África Oriental, 63 anos após a chegada das primeiras mulheres da Obra em Nairóbi.

10/11/2023

É possível ver na maneira como ela fala, sua cadência se suavizou e é perceptível que às vezes traduz do

inglês, já perdeu o sotaque espanhol... Essa enfermeira de Valladolid tem um coração africano.

Foi em 1987 que pôs os pés no Quênia pela primeira vez: “Fui para lá quando era muito jovem e recebi o bastão de muitas mulheres corajosas que trabalharam desde o primeiro momento para levar a mensagem do Opus Dei à África”. Ela enfatiza que seus novos compatriotas “têm uma olhar limpo e aberto: isso completa nossa vida e, dessa forma, não é difícil se doar”. Como ela mesma confessa, “pude aprender ali quase tudo o que eu sei”.

Mulheres fortes e decididas em um país desconhecido

Foi em 1960 quando um grupo de mulheres de diferentes países assumiu a tarefa de promover o chamado universal à santidade na África. Mulheres americanas, irlandesas, portuguesas e espanholas

foram encarregadas por São Josemaria de fazer daquela sociedade, que estava às portas da independência, um lugar mais cristão. Ali, graças à sua tenacidade, a educação se converteria em um instrumento de progresso e mudança para milhares de famílias.

Nesse sentido, a busca da santificação através do trabalho cotidiano marcou desde o início as iniciativas que foram lançadas. Segundo Machús, “as primeiros mulheres da Obra tinham claro que sua missão era ajudar o país e que deveriam fazê-lo de forma interracial, mas não sabiam como. Eram mulheres fortes e determinadas e, quando não sabiam o que iam ensinar, primeiro aprendiam e estudavam sozinhas e depois transmitiam aos outros. Compartilhamos com os quenianos um novo começo para seu país”.

“As iniciativas como Kianda College surgiram à medida que crescia a demanda por profissionais locais e qualificados para impulsionar o desenvolvimento econômico de um país que não era mais uma colônia, que assumia o futuro com as próprias mãos e que precisava ser interracial.

Há apenas três anos, a iniciativa comemorou seu 60º aniversário e, atualmente, a Kianda School, que surgiu a partir da referida faculdade, tem 900 alunos. Com o suporte de Fundação Kianda, são promovidos e desenvolvidos projetos e iniciativas que têm em seu DNA a mulher africana, a educação e a convivência multirracial, multiétnica e inter-religiosa, sem perder o seu caráter cristão e universal.

Os desafios do crescimento do Quênia

Nos últimos 35 anos, Machús testemunhou esse progresso e crescimento. “O Quênia é, como toda a África, um país de contrastes. De um ponto de vista ocidental, somos um país em desenvolvimento, mas compartilhamos os problemas e desafios do primeiro mundo”. Desde que abandonou formação inicial em saúde para se dedicar inteiramente à educação, Maria Otero (como é conhecida lá) é muito sensível às necessidades e demandas da juventude queniana.

De fato, sua estadia na Espanha se deve a um treinamento específico que ela está realizando para capacitar-se na gestão e no acompanhamento de jovens no campo da saúde mental. A onipresença das telas, o vício em tecnologia, a crise nas famílias e os problemas de convivência, entre outros, fazem com que os adolescentes tenham os mesmos

problemas, atitudes e desafios no Quênia e na Espanha.

Diante dessas necessidades dos jovens e das famílias, Machús afirma que seu objetivo é “chegar a tempo.

Queremos fornecer aos jovens quenianos ferramentas suficientes para atender às suas necessidades em termos de autoestima, gerenciamento emocional...

Queremos evitar problemas que mais tarde podem se tornar muito sérios.

Queremos que eles e suas famílias encarem a adolescência como uma oportunidade de crescimento saudável”.

Machús viu como o Quênia se tornou mais profissional e como agora tem especialistas muito bem treinados nos negócios e no setor de saúde.

Mas também aponta algumas diferenças substanciais em relação ao Ocidente: “Em geral, a vida lá é muito simples. Meu pai definiu isso

perfeitamente quando foi me visitar: é tudo muito descomplicado.

Ela insiste que vive em um país de contrastes e que “o Quênia é muito mais do que um destino turístico e de natureza. Podemos ajudar a fortalecer muitos de seus habitantes, que lutam para trabalhar de forma profissional e digna e que nunca se esquecem que esse esforço deve levar ao progresso e à educação de suas famílias. Os quenianos em geral querem ser reconhecidos pelo que são, têm um enorme potencial e estão sempre abertos para aprender”.

Entre os desejos para o futuro do país, Machús gostaria de pôr fim a algumas das diferenças de desenvolvimento que existem no interior. Confessa que uma das consequências negativas da globalização é que, “nessa ansiedade por ser iguais e ter o que os outros

têm, a corrupção muitas vezes encontra espaço. O Papa Francisco nos alertou sobre isso durante sua visita”.

É por meio da dignificação do trabalho e da própria profissão que a corrupção pode ser combatida. Por esse motivo, Maria Otero conclui que “na Fundação Kianda trabalhamos e insistimos para que todos os que recebem apoio se comprometam a devolvê-lo à sua comunidade, à sua família, na forma de educação e tempo, nem tudo é dinheiro”.